DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO:

UM BREVE PERCURSO DA MENSAGEM A CERTOS DESAFIOS DA ANÁLISE DOS DISCURSOS MEDIÁTICOS

Giovandro Marcus Ferreira[1]

O objetivo deste artigo é explorar algumas concepções acerca, inicialmente, da mensagem ou do estudo do produto de comunicação e acompanhar algumas mudanças deste filão, avançando com as contribuições da análise do discurso com o intuito de se obter uma compreensão, se possível, mais aprofundada da relação estabelecida entre os sujeitos empíricos (emissor – receptor) e os sujeitos discursivos (enunciador – co-enunciador) e, igualmente, entre esses dois últimos. O artigo retoma um percurso trabalho realizado pelo seu autor nos últimos anos, que busca resgatar teorias e metodologias utilizadas nos estudo de produtos de comunicação, em especial aquelas abordagens empregadas na análise de produtos jornalísticos.

1. Da Mensagem

Harold Lasswell e Paul Lazarsfeldt definem as bases da análise de conteúdo da comunicação nos anos 20 do século XX. Porém, ela se torna mais popular nos anos 50 sendo empregada em estudo de diversos temas cobertos pelos meios de comunicação: violência, racismo, situação da mulher, perfis comparados de jornais no mundo etc. Já surgem, nesta época, as críticas ao excessivo peso no aspecto quantitativo da análise que se concentrava basicamente nas informações manifestas.

Os estudos sobre a mensagem surgem, portanto em contestação aos modelos de massificação, fazendo apelo, entre outros, à decomposição do então ato de comunicação, trazendo em questão a importância da articulação ou estruturação da mensagem nos efeitos provocados pelos meios de comunicação.[2] Lasswell foi um pioneiro, com seus estudos oriundos da sociologia e da política, na introdução da análise do conteúdo no âmbito das mensagens mediáticas, enriquecendo a reflexão em torno dos atos de comunicação, como se dizia então, juntando-se aos estudos dos emissores, dos meios e dos efeitos. No entanto, continua havendo uma visão que a ação, a iniciativa é uma exclusividade do emissor e os efeitos recaem, também exclusivamente, sobre o público ou os receptores. Essa assimetria reforça, igualmente, a concepção de linearidade, causalidade e determinação nos

---

[1] Professor Associado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Ciências da Informação pelo Instituto Francês de Imprensa e Comunicação (Universidade Paris 2). Bolsista Produtividade em Pesquisa – CNPq.

[2] Ver FERREIRA, Giovandro Marcus, *"Um leitura dos estudos dos efeitos"* , in BARROS FILHO, Clovis e CASTRO, Gisele (orgs.), **Comunicação e práticas de consumo**, São Paulo, Editora Saraiva, 2007, p. 51-162.

estudos dos meios de comunicação. Tal concepção é observada não só nos estudos oriundos da mensagem no domínio da comunicação, mas também aqueles tendo a cultura e a técnica com eixos estruturantes, forjando uma espécie de relação de estímulo-resposta, ativo-passivo no ato comunicativo.

Também se atendo ao estudo da mensagem, mas numa perspectiva de suaa otimização a partir do fluxo comunicacional, a teoria informacional ou das telecomunicações, faz, igualmente, seu aparecimento no contexto de pesquisa do campo mediático e é, essencialmente, uma teoria da transmissão, segundo o esquema proposto por Shannon. Há uma fonte que emite sinais através de um aparelho de transmissão, que, por sua vez, há um receptor que realiza a conversão de tais sinais para um destinatário. A mensagem neste aparelho pode conter ruídos e a teoria da informação se apega ao código, pois ele torna possível a intelegibilidade da transmissão da informação, ou seja, a diminuição do ruído.

O código é um conjunto de sinais, que serve de parâmetro para reduzir a eqüiprobabilidade na fonte. A informação é apreendida pelo seu lado mensurável no interior de um código, ou seja, o aspecto ressaltado é o sistema sintático. Neste caso, todo o aspecto referente ao significado é desconsiderado, algo intrínseco a toda comunicação humana. Segundo Escarpit,

> *"Os teóricos da telecomunicação se interessam antes de tudo ao significante que deve ter um certo número de qualidades: resistência ao ruído, facilidade de codificação e decodificação, velocidade de transmissão. Eles se interessam ao significado na medida onde suas características têm uma incidência sobre o significante."*[3]

Robert Escarpit explora o exemplo do correio para ilustrar as preocupações da teoria da informação. O correio deve transmitir um telegrama, sem estar, no entanto, interessado no conteúdo da mensagem. Para o correio o significado da mensagem é indiferente na medida em que sua tarefa é a transmissão de uma quantidade de informação. Porém, tal modelo comunicativo teve e tem grande repercussão na sociedade e teve, igualmente, desdobramentos no interior da pesquisa em comunicação. O lingüista russo Roman Jakobson, que migra para a América do Norte, foi um arauto na ampliação do modelo em questão, buscando articula-lo com a lingüística. Para ele, *"a atividade comunicativa é representada como transmissão de um conteúdo semântico fixo entre dois pólos, igualmente definidos, encarregados de codificar ou decodificar o conteúdo, segundo as restrições de um código igualmente fixo*."[4] Jakobson tem o mérito, mesmo se apropriando da teoria da informação, de ser também um dos primeiros lingüistas a fazer a distinção

---

[3] ESCARPIT, Robert, **L´ínformation et la communication – théorie générale**, Paris, Hachette, 1991, p. 30.

[4] JAKOBSON, R., *Linguistique et théorie de la communication*, in **Essais de linguistique générale**, vol. I, Paris, Les Editions de Minuit, 1963, p. 87.

entre o processo de produção e o processo de recepção de frases. Mesmo se esta distinção não tenha as características que se empregam atualmente.[5]

Recebendo influência de outras disciplinas, com destaque para a lingüística, a problemática da teoria da informação vai sendo ampliada e posicionada não somente junto ao significante, mas também à noção mais geral da significação. Este novo posicionamento será definido por alguns como o modelo semiótico-informacional. Ele guarda essencialmente o esquema precedente, porém o mais importante, é que a linearidade da transmissão se encontra arraigada ao funcionamento dos fatores semânticos, através do conceito de código. A comunicação se realiza pela transformação de um sistema por um outro e não por uma simples transmissão de informação.[6] Porém, a noção de código encontra-se ainda como balizadora na relação dos sistemas em questão.

O código será a base contratual visto a partir de dois aspectos: de um lado, no tocante à articulação dos códigos, e de outro, acerca da situação específica do processo de comunicação. Este último está presente na relação dos códigos e dos sub-códigos entre a produção e recepção da comunicação (desníveis de códigos, hipercodificação, hipocodificação...) e nas circunstâncias forjadas pelos fatores sociais que provocam a assimetria entre os dois polos da comunicação. A noção de desajustamento na recepção da mensagem se torna cada vez mais evidente, assim como as implicações sócio-culturais.

2. Do discurso

Apesar dos limites dos modelos abordados até então, em particular as contribuições de Jakobson – há a importância de abrir o processo comunicativo às interferências sociais. Isso possibilitará uma ampliação, em estudos posteriores, da influência de tais fatores - sócio-culturais - na compreensão do processo comunicativo. Um novo modelo é esboçado para melhor apreender a relação entre a produção e a recepção, ou melhor, o reconhecimento das mensagens. Uma característica importante neste novo momento é pensar tal relação, não mais restrita a noção de código, mas a partir de "conjuntos de práticas discursivas"[7], que leva em consideração a sincronia da comunicação, mas também a sua diacronia. Assim, pode-se pensar a problemática

---

[5] VERON, Eliseo*, L´analyse du contrat de lecture: une nouvelle méthode pour les études de positionnement des supports de presse*, in **Les médias – expériences recherches actuelles applications**, Paris, IREP, juillet, 1985.

[6] WOLF, Mauro, Teorias da Comunicação, Lisboa, Editorial Presença, 1987.

[7] A noção de "conjunto de práticas discursivas" encontra correspondência na antropologia do norte-americano Cliffort Geertz. Para este autor, a cultura pode ser igualmente representada como conjuntos de textos e como um sistema de regras que determinam a criação e a orientação das novas produções textuais. Logo, os conjuntos de textos ou sistemas de signos e discursos que circulam numa cultura vão provocar influências sobre a produção e o reconhecimento de mensagens dos meios de comunicação. A competência interpretativa dos receptores está articulada com o consumo precedente de tais discursos ou sistemas de signos, em vez de uma apreensão de códigos de maneira pura e simples. Ver GEERTZ, C., **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

extrapolando a sincronia do processo de comunicação, levando igualmente em consideração a significação através do passado, com a implicação do tempo. A indagação pode ser deslocada da seguinte maneira: *por que sem saber das notícias do dia seguinte, muitos leitores já têm em mente qual jornal que gostariam de ler amanhã?* Para entender o processo de comunicação, e toda significação que ele comporta, a pesquisa sobre o discurso mediático é levada, cada vez mais, à contextualização, ou melhor, às condições de produção e de reconhecimento dos processos comunicacionais em questão.

Há um duplo processo na semiotização do mundo através do ato enunciativo: processo de transformação e processo de transação.[8] O processo de transformação ocorre pela mimesis, ou seja, o mundo se transformando em discurso, cuja estruturação (mediação simbólica) depende dos fatores estruturas inteligíveis, recursos simbólicos e aspectos temporais. A mimesis é constituída por uma dupla face – imitação e criação – que se articula, ao nível externo, na capacidade de apreensão das coisas ou na capacidade de projeção fora de, engendrando "a coisa do texto", e, ao nível interno, face explorada pela semiologia, que coloca todo empreendimento na relação dos sujeitos internos do discurso, enunciador e co-enunciador.[9] (Sobre as mimesis, a semiotização global do processo comunicativo, vamos explorá-las mais a frente neste artigo)

O conceito de enunciação se coloca no patamar da forma, tentando fugir, primeiro momento, do aspecto conteudístico da mensagem. Benveniste dizia de forma abreviada que *"a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização"*[10], ou de maneira próxima, segundo Jean Dubois, referindo-se a enunciação como o impacto do sujeito no interior do seu próprio discurso.[11] A linguística oferece ao conceito de enunciação as três categorias que estão sujeitas à instabilidade no discurso: as categorias de pessoa, de espaço e de tempo. Na análise do(s) discurso(s) no interior das pesquisas de comunicação mediática, o conceito de enunciação vai utilizado (ou ao menos realizado tentativas) em diferentes matérias significantes, também não-verbais, sobretudo a partir de orientações ofertadas por Roland Barthes no seu último trabalho, dedicado ao estudo da fotografia.[12]

Busca-se trabalhar com a noção de dispositivo de enunciação para operacionalizar a instabilidade e, por conseguinte, o posicionamento discursivo. Três instâncias se abrem, metodologicamente, tendo em vista o funcionamento enunciativo: o lugar daquele que fala, o lugar a quem é endereçado o discurso

---

[8] FERREIRA, Giovandro Marcus, *"Do círculo semiológico ao círculo hermenêutico: contribuições de Paul Ricour à análise do discurso",* in revista **Interface**, Vitória, UFES, 1999, p. 81-94

[9] Idem ibidem.

[10] BENVENISTE, **Problèmes de linguistique génerale**, v. 2, Paris, Gallimard, 1974, p. 80.

[11] DUBOIS, Jean, *"Enoncé et énonciation"*, in **Langages**, n° 13, Paris, p. 100-110.

[12] BARTHES, Roland, **La chamber Claire – note sur la photographie**, Paris, Gallimard / Seuil, 1980.

e o tipo de relação que se estabelece. Pelas tramas da enunciação, pode-se caracterizar estas instâncias que articulam a forma e sentido no/do discurso.

Este nível de transformação, em estudo da análise do(s) discurso(s), vem sempre acompanhado do processo de transação, apegando-se, inicialmente, ao quadro interior no qual se desenvolve o discurso (situação de comunicação) e, mais tarde, como um tecido arrancado de uma semiosis ternária, social, histórica e infinita, ou melhor, do fluxo de produção social do sentido.

Nesta perspectiva, a produção e o reconhecimento do discurso são edificados num diálogo intertextual, cuja construção de um texto é "costurada" pelos ecos de outros textos precedentes. A perspectiva diacrônica do consumo de tais textos adquire relevância na produção e no reconhecimento de um processo comunicativo. Diante da complexidade, ou então, do mistério da recepção, no dizer de Daniel Dayan, a noção de recepção vem carregada de desníveis e de "efeitos possíveis". As implicações sócio-culturais tiram o receptor da condição de "depósito" da transmissão de mensagem e migram, por conseguinte, o estudo do signo, da análise do(s) discurso(s) para um conhecimento melhor da recepção, realizando articulações possíveis, nesta nova etapa de construção de uma semiótica da recepção e aproximando, o destinatário e o receptor, e concomitantemente, as abordagens sociológicas e semiológicas. Nas palavras de Mauro Wolf, pode estabelecer tal desafio na seguinte perspectiva: *"conectar discursos, interações e contextos sociais, tal é o objetivo explicito de uma corrente para o qual o discurso não é somente um objeto semiótico, mas deve ser constantemente ligado a outros contextos caso se queira compreender sua dinâmica."*[13]

Uma questão aqui se levanta: como considerar um elemento relevante acerca de um determinado tipo de discurso? Para que um elemento seja considerado condição de produção e/ou recepção não é suficiente pleiteá-lo, é preciso que ele deixe pistas na superfície discursiva, levando assim os valores das variáveis postuladas como condições de um determinado tipo de discurso. Se tais condições mudam, o discurso muda igualmente.[14]

Produção e recepção são dois polos conceituais produtores de sentido. O desnível entre eles é provocado pela circulação que adquire diferentes formas segundo o tipo de produção significante almejada. A circulação é o conceito oriundo de um modelo que posiciona o discurso entre seu engendramento e seus efeitos. Nestes termos o que tradicionalmente se estuda como marcas lingüísticas, nesta outra abordagem passam a ser traços ou pistas da operação de engendramento e/ou então de reconhecimento, que definem o sistema de referência das leituras possíveis. A noção de circulação oferece ao modelo analítico uma dinamicidade acerca da variação do

---

[13] WOLF, Mauro, *"Recherche em communication et analyse du discours",* in revue **Hèrmes**, n° 11-12, Paris CNRS Editions, 1993, p. 217.

[14] VERON, E.*, "Dictionnaire des idées non reçues",* in **Connexions**, nº 27, Paris, ARIP.

investimento de sentido nas matérias significantes ao longo do tempo[15], em outras palavras, pode-se caracterizar como a variação do ethos, fazendo do sentido uma materialização no tempo e espaço.

A linearidade entre a produção e o reconhecimento foi durante muito tempo sustentado pela hipótese da convencionalidade: os atos de linguagem foram submetidos às convenções, pois a distinção entre dois polos do discurso não era, então, pertinente, pois uma regra convencional assegurara a univocidade do resultado. Portanto, fora dos performativos, a convencionalidade torna-se insustentável. Um enunciado qualquer, sem ter esgotado todas suas significações, não pode se submeter a nenhuma convenção, caso não seja essa que contribui a lhe dar sentido.[16]

O desnível não é, igualmente, considerado por aqueles que têm uma posição não-convencionalista. Nesse caso, a regra da convenção se desloca em direção à intenção: ela se torna "*o objetivo consciente"* do autor. Portanto, fica claro que só o autor tem acesso as suas intenções, pois ele não passa seu tempo verbalizando-as. Se ele não as comunica constantemente, elas não se constituirão num fenômeno de comunicação. Isto quer dizer que entre a produção e o reconhecimento, há mais indeterminação que supõem as perspectivas ligadas à convenção e à intenção.

> *"..o teórico não-convencionalista não poderá se contentar de ignorar essa distinção; ele será conduzido a produzir uma confusão permanente entre a produção e o reconhecimento. Para compreender a natureza desta confusão e o mecanismo de seu funcionamento, é preciso interrogar a noção mesmo de 'intenção'... que tem um papel fundamental na teoria dos atos de linguagem, que jamais fora definida".*[17]

A materialização da noção de circulação é fruto da diferença entre a produção e os efeitos dos discursos. As marcas sobre a superfície dos discursos são interpretadas a partir de dois pólos analíticos, enquanto pistas ou traços das operações de engendramento da produção e do reconhecimento que define o sistema de interpretações de leitura. As condições da circulação são variáveis, pois sofrem a influência do suporte material-tecnológico do discurso, da dimensão temporal, que possibilita a análise ser feita de maneira diacrônica, além, obviamente, da sincrônica.

3. Em busca de uma noção de enunciação "abstratizante"

Todos os avanços acerca da noção de discurso e os vários momentos da semiologia devem ser acompanhados por uma mudança também na noção de

---

[15] Idem ibidem.

[16] Veron descreve em diversos capítulos de seu livro **La sémiosis sociale - fragments...** certos impasses que a hipótese da indeterminação relativa fez emergir entre a produção e o reconhecimento no seio do estudo do ato de linguagem.

[17]VERON, E., **La sémiosis sociales - fragments...** p. 186.

enunciação. As matérias significantes são complexas, múltiplas, diferentes (verbais e não-verbais, só para assinalar uma distinção primária) e a confortável noção oriunda da linguística dos anos 60 e 70 são fortemente pensada para o material verbal e ancorada no conteúdo.

Uma página de um jornal é um objeto complexo para a análise do discurso. Ela contém um discurso a partir de texto, imagem e diagramação. Diante da complexidade desse corpus é preciso almejar procedimentos metodológicos que sejam capazes de apreender o funcionamento de tamanha heterogeneidade e, ao mesmo tempo, é preciso, igualmente se chegar a um efeito unitário.

Diante da impossibilidade de tratar o jornal pela análise linguística (mesmo tendo a sua página texto também), torna-se necessário uma abordagem, que ultrapasse a descrição e se interesse nos funcionamentos do discurso.[18] A teoria da enunciação formulada por Antoine Culioli tem se demonstrada fecunda na perspectiva de análise dos discursos sociais (notadamente a imprensa) pelas seguintes razões:

A) Ela se fixa no cognitivo dos procedimentos linguísticos fomalizados de maneira não sequencial;

B) Ela tem um movimento “abstratizante” que corresponde às necessidades que tocam ao funcionamento mesmo do languageiro.[19]

A teoria da enunciação de Culioli para bem apreender a dinâmica do discurso pelo viés “abstratizante” centra toda a problemática sobre a atividade modalizante de um sujeito enunciador. Antoine Culioli observa dois momentos na realização desta análise: (1) a conjugação das modalidades enunciativas e (2) a construção das representações – “substitutos desgarrados da realidade”.[20]

As modalidades enunciativas são focadas sobre o conteúdo do enunciado. Elas indicam diferentes julgamentos sobre o enunciado e colocam

---

[18] VERON, E. et FISHER, S., *"Théorie de l'énonciation et discours sociaux",* in **Etudes de lettres,** Lausanne, octobre-décembre, 1986.

[19] Idem ibidem.

[20] Na interpretação de Jean-Claude Milner, a teoria de Culioli pode ser lida segundo duas perspectivas: *"uma de maneira ‘transcendental, e a teoria aparece como uma reflexão sobre a essência de toda a linguagem, como é dito, senão de toda representação no que ela representa se houver representação - será um passo em direção a um filosofia do "espírito" ... e a outra é empírica, pela qual a teoria aparece como uma série de propostas para eventuais substâncias naturais da língua ",* in **La théorie d'Antoine Culioli - ouvertures et incidentes,** Paris, Ophrys, 1992, p. 21.

em evidência a intervenção da relação intersubjetiva num discurso, pois o sujeito não é “real”, mas teórico, um modelo metalinguístico que permite um inventário dos funcionamentos cognitivos. Culioli trabalha com 4 tipos de modalidades diferentes na relação intersubjetiva: [21]

- As modalidades-1 correspondem às enunciações assertivas tradicionais. Normalmente, o lugar primordial é construído sob forma de predicação, uma formulação linguística que se valida como referência pela afirmação ou negação.

- As modalidades-2 fazem, de sua parte, referência às fórmulas linguísticas onde o julgamento sobre o enunciado está baseado sobre o *necessário* ou o *possível* do eventual ou do provável em certos casos.

- As modalidades-3 se encontram numa dimensão do *afetivo* ou *apreciativo*, centrada sobre o Ego (sujeito enunciativo). Por intermédio dos apreciativos, podem ser formulados julgamentos auto-centrados, refugiando-se numa espécie de “eu penso que”, levando à validação ao reenvio à imagem especular do “eu”. Em certos casos limites as modalidades-3 poderão estar colocadas no patamar do “é evidente que...”.

- As modalidades-4 tem uma relação modal que coloca em jogo o Ego e o Alter, o enunciador e o co-enunciador. A injunção é uma fórmula linguística que utiliza esta relação intersujeitos no discurso, isto é a presença do co-enunciador na enunciação. Pela sua complexidade, esta fórmula linguística exige uma abordagem metalinguística.[22]

Na comparação das três primeiras modalidades, as M-1 e M-2 têm como validação a objetividade, pois elas se abrem ao julgamento universal. Em contrapartida, as M-3 centram o modo de validação sobre a subjetivação, elas

---

[21] Ver VERON, E. et FISHER, S., op. cit.

[22] George Vignaux acrescenta a estas quatro modalidades, um último tipo de modalidades pela sua importância em relação aos “registros de discurso”: *"Estas da citação, do estilo indireto ou ainda das distâncias tomadas pelo enunciador vis-à-vis a este que é contado em todos os casos de narração, seja ela ‘real’ ou ‘imaginária’* VIGNAUX, Georges, **Le discours acteur du monde**, Paris, Ophrys, 1988, p. 111.

não procuram uma referenciação exterior. As três modalidades estão sob o jugo da validação objetiva ou subjetiva.

Em relação às modalidades-4 (M-4), a validação não se encontra num ou noutro extremo. Que se pode observa nos exemplos abaixo:

(A) *Não fique aí sem fazer nada*
(B) *Faça atenção!*

Esses dois enunciados injuntivos provocam algumas observações. Eles descrevem uma ordem, um desejo e eles tornam presente um co-enunciador. As enunciação carrega as marcas do co-enunciador pelo emprego da segunda pessoa ou pelo modo do verbo. Ambos enunciados comportam, igualmente, marcas que estão na fronteira do linguístico e do paralinguístico, pelo uso do ponto de exclamação "!" e outros indícios que podem ser identificados como uma transcrição do oral, como formulação na escrita de práticas sociais reguladas.[23]

Este tipo de enunciado é uma interpelação que não admite um desnível entre a temporalidade da ação e o presente da enunciação. As modalidades 4 estão em ruptura com as M-1 (asserção tradicional), mesmo se todas as duas (M1 e M4) tem sua fixação no presente da enunciação, pois a introdução do co-enunciador faz emergir uma indeterminação fundamental no tocante aos valores de verdade dos enunciados. Ambos enunciados (A e B) não podem ser considerados sob a responsabilidade, unicamente, do enunciador tanto quando é tratado objetivamente ou subjetivamente. Vejamos outros exemplos, propostos por Veron e Fischer:

(C) *"Entrada proibida"*
(D) *"Cachorro valente"*

Les deux enunciados fazem apelo às relações co-enunciativas, de maneira escrita ficando o co-enunciador numa situação anônima. O co-

[23] Veron e Fischer, op. cit.

enunciador ficaria explícito, caso o enunciado fosse oral: “o senhor não pode entrar”, “você corre risco ultrapassando o portão”. Esses enunciados têm um valor dêitico que não é levado em conta por marcas linguísticas, pois é o ambiente no qual o enunciado está inserido, coloca em evidência o referente da enunciação. Há um valor co-enunciativo do presente, na medida em que a interdição se atualiza pela leitura de cada destinatário, pelo fato de efetuar a leitura.

O enunciado (D) é mais complexo, pois ele mistura as M-3 (apreciativo = ele é valente) e as M-4 (relação Ego Alter). Portanto, esse não se reduz às M-3, já que as fronteiras do Ego são ultrapassadas *(“eu penso que...”*). Ela significa preferencialmente “*veja um cachorro que você achará valente*”. Numa abordagem em termos intersubjetivos é permitido de re-situar a análise dos agenciamentos sintáticos, colocando em evidência o tipo de relação em questão como constituinte do núcleo do dispositivo de enunciação.[24] A. Culioli retoma esse ponto de vista quando afirma que *“... pode-se considerar que cada vez que você produz um enunciado, você produz ao mesmo tempo um enunciado desarssertivo, de tal maneira que você produz, em seguida, o recuperar numa asserção"*[25]

O enunciado caracterizado pela formulação enunciativa assertiva (pela marca do possível) se encontra num futuro visado pelo enunciador. Portanto, este acontecimento não se realizou numa “predição” pela qual sua execução encontra no dispositivo enunciativo construído. Pode-se, então, explorar dois caminhos analíticos a partir de uma abordagem topológica:[26] de um lado, eles elaboram o plano enunciativo, estando o sujeito enunciativo na origem e, de outro, o plano das representações. A relação entre esses dois planos introduz um desnível, uma distância, que permite de trabalhar, não mais com marcas linguísticas, mas pelo viés de noções.[27]

---

[24]Idem ibidem.

[25]CULIOLI, A. et al., **La théorie de Antoine Culioli - ouvertures et incidentes,** Paris, Ophrys, 1992, p. 12.

[26] Veron e Fischer, op. cit.

[27]*"Este termo noção provém da insatisfação que concerne ao tratamento lexicológico. Os estudos lexicológicos são feitos com objetivos precisos e o trabalho é feito de maneira coerente*

A análise pensada em termos de caminhos se engaja desde já numa "metalinguística operatória". No caso estudado, busca-se construir uma tipologia que tenha, desde sua origem, uma dupla escolha: (a) o enunciador estabelece ao co-enunciador as condições e os limites de suas interpretações, e (b) a validação da construção proposta é "reenviada" ao co-enunciador."[28]

Segundo Veron e Fischer, a abordagem proposta por Antoine Culioli tem uma dupla vantagem: ela coloca em evidência uma problemática a partir das relações intersubjetivas e ela faz apelo, ao mesmo tempo, a instrumentos mais abstratos tendo em vista a explicação de operações cognotivo-linguageiras. Toda esta *démarche* possibilita analisar os discursos sociais que não são unicamente linguageiros, como é o caso da imprensa, televisão etc.

Um paralelo pode, então, ser feito entre as características das injunções analisadas por Culioli e o discurso da imprensa: todos se caracterizam por uma produção que se endereça a alguém que poderia se encontrar em situação de recepção. Esse alguém é longe de ser anônimo quando se constrói um co-enunciador bem determinado. Para esta construção, o co-enunciador será o sujeito que assumirá as operações complexas e a quem se emprestará intenções, necessidades, interesses e uma identidade bem precisa.[29]

Enfim, em ambos casos, os resultados poderão ser idênticos se não há exatidão ao nível da construção imaginária do co-enunciador, quer dizer, a correspondência entre a imagem do destinatário e dos atores sociais que estarão em situação de leitura.

---

numa disciplina e não conduz sempre resposta à espera de outras disciplinas... As noções são sistemas de representação complexos de propriedades físico-culturais, isto é, propriedades de objetos saídos de manipulações necessariamente tomados ao interior de culturas e, deste ponto de vista, falar de noção é falar de problemas linguísticos. Eu não vejo como se poderia levantar o problema de outra maneira." CULIOLI, A., Pour une linguistique de l'énonciation, Paris Ophrys, 1990, p. 49 et 50.

[28]Idem ibidem.

[29]Idem ibidem.

"Se eu me engano na atribuição a meu co-enunciador uma apreciação de meu cachorro, eu serei verdadeiramente roubado. Se a revista não tem êxito de encontrar os destinatários que aceitem a imagem que a revista os propõe deles mesmos, ela não será comprada."[30]

Esta *démarche* feita demonstra a necessidade de uma busca de um conceito mais abstrato, menos conteudístico - do dispositivo de enunciação para as análises dos discursos mediáticos. De um lado, pela importância e centralidade de tal conceito no domínio discursivo e, de outro, pela complexidade das matérias significantes dos discursos mediáticos, levaria a uma mutilação de corpus analisados pela originária concepção enunciativa marcadamente linguística, encorada com exclusividade no conteúdo. Esta parte do artigo em conclusão, que busca repensar as relações no interior do núcleo enunciativo, clama por uma visão de um círculo semiótico ou hermenêutico que busca, igualmente, abarcar no seu interior as relações dos sujeitos discursivos e dos sujeitos empíricos. Este novo horizonte que irá ser trabalhado em seguida.

4. Do círculo semiológico ao círculo hermenêutico: a semiotização global da comunicação

Além de repensar o conceito de dispositivo de enunciação nas pesquisas de comunicação, em especial no âmbito de discurso e mídia, também é preciso ultrapassar o círculo semiológico, considerado como uma totalidade do processo de significação por diferentes autores, mesmo que muitos deles se autodenominam semioticistas de terceira ou última geração. Neste desafio pode-se fazer apelo à hermenêutica que se oferece como atividade *"a reconstrução do conjunto de operações pelas quais uma obra se eleva sobre o fundo opaco de viver, de agir e de sofrer, para se dado por um outro a um leitor que a receber e muda assim seu agir."*[31]

---

[30]Idem ibidem, p. 81.

[31]RICOEUR, Paul, **Temps et récit**, Vol. 1, Paris, Seuil, 1983, p. 106-107.

As operações conduzidas pela semiótica textual tornam-se uma parte do círculo hermenêutico na articulação das três mimesis. O círculo semiológico torna-se uma das mimesis (II) que se encontra situada entre as outras duas: a mimesis I ou a pré-figuração e a mimesis III ou a refiguração.:[32] As três mimesis constituem um processo de semiotização global, pela qual procura-se demonstrar que o tempo é estruturado como uma narração. A passagem pelo narrativo marca a elevação do tempo do mundo ao tempo do homem ou o tempo fora da língua *"Zeit"* e o tempo da língua *"Tempus".* [33] As mimesis, segundo Ricoeur, constituem, ao mesmo tempo, uma teoria do texto e uma teoria da ação e descrevem uma dupla face do signo. De um lado, ele não é a coisa, ele não chega a se metamorfosear em coisa, mas de outro lado, ele evoca alguma coisa e ele é uma "imitação" ou uma "re-presentação" da coisa. Nesta dupla face encontra a força e a fraqueza do signo, da qual se origina o funcionamento dialético da tripla mimesis. [34] Fazendo uma aproximação com a construção do discurso mediático, pode-se esboçar um quadro das Mimesis (M I, M II e M III) do fato à interpretação da leitura.

IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE SEMIOTIZAÇÃO
(POSICIONAMENTO DISCURSIVO)

Processo de Configuração | | **Processo de Refiguração** | |

| | | | |

Fato (M I) | **Suporte Mediático** | **Notícia (M II)** | **Leitor** | **Interpretação (M III)**

processo de transação

[32]A descrição das três mimesis está baseada na reflexão feita por Paul Ricoeur.
[33]WEINRICH, Harald, **Le temps**, Paris, Seuil, 1973.

[34]RICOEUR, P. **Du texte à l'action**, Paris, Seuil, 1986.

A relação entre a linguagem e a realidade, onde a “linguagem se constrói de alguma maneira marginalmente vis-a-vis à experiência”, torna-se um universo quase autônomo. Percebe-se, neste aspecto, uma certa legitimidade em estudos que não levam em conta o universo extradiscursivo. Estes estudos são sensíveis ao *“exílio do signo”,* ou seja, no primeiro funcionamento da linguagem, porém não se pode ignorar o extra-linguístico quando se estabelece como marcos da pesquisa (objetivos e problemas) que ultrapassam o domínio do linguístico, como é o caso, por exemplo, da evolução do posicionamento discursivo dos suportes mediáticos.

Busca-se, então, como uma semiotização global, reabilitar o social ou o mundo da ação no estudo de fundo semiótico, e vice-versa, quando o ponto de partida for o chão das teorias sociológicas. Há uma relação de autonomia e de dependência entre as duas instâncias de significação pelos sujeitos implicados no ato de linguagem, ou melhor, no processo de enunciação. Pode-se designar quatro sujeitos engajados no duplo processo - transformação e transação - da tripla mimesis: os sujeitos sociais ou empíricos, protagonistas que se encontram no espaço do fazer – Sujeito Comunicante (Sc) e Sujeito Interpretante (Si); os sujeitos discursivos construídos no processo de transformação, circunscritos ao espaço do dizer – Sujeito Enunciador (E) e Sujeito Co-Enunciador (Co-E).

A encenação do Dizer implica um olhar implícito no que tange à posição dos sujeitos empíricos. Pode-se dizer que o processo de enunciação conduz um duplo “contratos” que se influenciam mutuamente e se desenvolvem numa permanente relação. A evolução do posicionamento discursivo é a evolução do perfil dos sujeitos sociais e dos sujeitos discursivos numa constante troca entre eles. Todo posicionamento discursivo é, antes de tudo, um posicionamento sócio-semiótico no sentido pleno do duplo processo de significação.

O estudo do posicionamento discursivo tem como objetivo analisar a construção de sentido de um ou mais suportes mediáticos levando em consideração a implicação de quatro sujeitos, dois empíricos (Sc – Si) e dois

discursivos (Se – Sco). Pode-se mesmo postular que o sentido discursivo é fruto desta inevitável relação:

> *"... o sentido do discurso se constrói num encontro entre dois espaços, interno e externo, que têm, em verdade, uma certa autonomia,ao mesmo tempo, não há razão de existir se não for um em relação ao outro: o externo no interno, o interno no externo".* [35]

Além das buscas no tocante aos sujeitos discursivos, por isso que se colocou em relevo na parte precedente uma reflexão em torno da enunciação, há também em trabalhos analíticos um refinamento necessário em relação aos sujeitos empíricos tanto na produção quanto no reconhecimento ou recepção. O público "desenhado" pelas estratégias textuais refere-se aos sujeitos discursivos, mas há também sujeitos empíricos que traçam suas próprias estratégias em relação ao texto.

Levando em conta um jornal, por exemplo, ele se encontra no interior de um chão de produção (regional, national etc) . O chão de produção pode ser caracterizado como uma zona de concorrência, na qual diversos jornais com características semelhantes semelhantes, buscam distinções na corrida por aumento de seus leitores. A zona de concorrência provoca uma dinâmica de semelhança e distinção orquestrada pelo busca do primeiro lugar. Os jornais busca construir posições "distintas" ("individuação") para se diferenciar dos outros na luta para conquistar um lugar privilegiado no seio da concorrência.

A concorrência, em relação à produção, é uma fonte de significação nos estudos do posicionamento discursivo dos suportes mediáticos. Assim, como, as expectativas do público no que se refere ao reconhecimento. Em ambos os casos, o estudo do posicionamento discursivo se aproxima de conhecimentos oriundos da sociologia, gestão, marketing entre outros.

---

[35]CHARAUDEAU, Patrick, *"La conversation entre le situationnel et le linguistique",* in **Connexions**, n° 53, Paris, 1989, p. 14.

O duplo espaço analítico que se atém os estudos do posicionamento discursivo se distancia da crítica de John Fiske, quando ele coloca em destaque os limites de certas pesquisas que mutilam seus objetos, no caso específico das análises de audiência: "*Os programas são produtos, distribuídos, definidos pela indústria. Os textos são produtos de seus leitores.*"[36]

Enfim, as preocupações aqui exposta buscam fazer um duplo movimento – centrípeto e centrífugo - em relação à construção de sentido dos discursos mediáticos. De um lado, revendo a noção de enunciação tendo em vista à diversidade das matérias significantes que compõem os discursos mediáticos e, conseguintemente, às exigências diferenciadas se for feita a comparação com os estudos discursivos de décadas passadas (imanentistas) ou, então, aqueles circunscritos ao domínio da linguística. De outro lado, a atenção dada ao lançamento de pontes – das fronteiras às membranas – em relação a outros domínios científicos tão necessários no conhecimento das estratégias sujeitos empíricos e de suas implicações com os sujeitos discursivos. Expostas tais preocupações, novos desafios vão se abrindo no tocante às construções metodológicas no âmbito da análise dos discursos mediáticos, tendo em vista que chão de pesquisa escolhido tem imbricações que o próprio dispositivo de enunciação pode desconhecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, **Problèmes de linguistique génerale**, v. 2, Paris, Gallimard, 1974.

BARTHES, Roland, **La chamber Claire – note sur la photographie**, Paris, Gallimard / Seuil, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick, *"La conversation entre le situationnel et le linguistique",* in **Connexions**, n° 53, Paris, 1989.

CULIOLI, A., **Pour une linguistique de l'énonciation**, Paris Ophrys, 1990.

CULIOLI, A. et al., **La théorie de Antoine Culioli - ouvertures et incidentes,** Paris, Ophrys, 1992

[36]Esta crítica de J. Fiske (Television culture, Londres, Methuen, 1987) foi reproduzida a partir do livro de Armand et Michète Mattelard. Ver MATTELARD, A. et M., Op. Cit., p. 89.

DUBOIS, Jean, *"Enoncé et énonciation"*, in **Langages**, n° 13, Paris, p. 100-110.

ESCARPIT, Robert, **L´ínformation et la communication – théorie générale**, Paris, Hachette, 1991.

FERREIRA, Giovandro Marcus, *"Um leitura dos estudos dos efeitos"* , in BARROS FILHO, Clovis e CASTRO, Gisele (orgs.), **Comunicação e práticas de consumo**, São Paulo, Editora Saraiva, 2007.

----------, *"Do círculo semiológico ao círculo hermenêutico: contribuições de Paul Ricour à análise do discurso",* in revista **Interface**, Vitória, UFES, 1999, p. 81-94

GEERTZ, C., **A interpretação das culturas**, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

JAKOBSON, R., *Linguistique et théorie de la communication*, in **Essais de linguistique générale**, vol. I, Paris, Les Editions de Minuit, 1963.

MATTELART, Armand et MATTELART, Michèle, **Histoire des théories de la communication**, Paris, La Découverte, 1995, 125 páginas.

RICOEUR, P. **Du texte à l'action**, Paris, Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul, **Temps et récit**, Vol. 1, Paris, Seuil, 1983.

VERON, Eliseo, **La semiosis sociale. Fragments d'une théorie de la discursivité,** Saint-Denis, Presses Universitaires de Vincennes, 1987, 228 páginas.

----------, *"Dictionnaire des idées non reçues",* in **Connexions**, nº 27, Paris, ARIP.

----------, *L´analyse du contrat de lecture: une nouvelle méthode pour les études de positionnement des supports de presse*, in **Les médias – expériences recherches actuelles applications**, Paris, IREP, juillet, 1985.

----------, *"Dictionnaires des idées non recues"*, in **Connexions**, N° 27, Paris, ARIP, Paris, 1979, p. 125-142.

VERON, E. et FISHER, S., *"Théorie de l'énonciation et discours sociaux",* in **Etudes de lettres,** Lausanne, octobre-décembre, 1986.

WEINRICH, Harald, **Le temps**, Paris, Seuil, 1973.

WOLF, Mauro, Teorias da Comunicação, Lisboa, Editorial Presença, 1987.

WOLF, Mauro, *“Recherche em communication et analyse du discours”,* in revue **Hèrmes**, n° 11-12, Paris CNRS Editions, 1993.